

## Diversidade, Condição para a Preservação da Humanidade

**Mário Leopoldo Cabral**

Guinéaspora

---

O tema que nos foi proposto enquadra bem a questão do relacionamento entre emigrantes e sociedades de acolhimento. Rui Marques, Alto-comissário para a Imigração, diz num excelente artigo sobre Diversidade e Identidade Nacional na União Europeia, que, cito: “Sociedade” é hoje sinónimo de “multicultural”. É um facto incontornável. Não laboremos portanto, num equívoco. Não se trata de uma opção que esteja ao alcance das nossas vontades” fim de citação.

Com efeito a globalização, no seguimento da colonização e das injustas relações de troca existentes, mudou a direcção do movimento que no passado iam do norte para o sul à procura de mercados e do exótico, para êxodos hoje, do sul para o norte à procura de pão e de segurança.

Com essas movimentações históricas, criaram-se comunidades miscigenadas que, como as comunidades minoritárias a norte e a sul, necessitam de políticas multiculturais integradoras, semelhantes àquelas que países como a Espanha e a França, designam por co-desenvolvimento. A diversidade humana é necessária para a preservação e reforço da espécie humana.

Rui Marques diz ainda que, perante alguns excessos cometidos aqui e acolá, certos sectores, em especial no ocidente rico se propõem “recuar nessa abertura e estabelecer outros referenciais mais fechados e, presume-se, mais uniformes em termos religiosos e culturais. Alguns acreditam ser desejável uma renovada hegemonia cultural ou religiosa, como movimento antagónico ao pluralismo dominante e, particularmente, às suas expressões mais perturbantes”. O aparecimento de movimentos xenófobos, fascistas e extremistas, são disso prova evidente.

Perante tais reflexos reactivos perguntamo-nos se, por exemplo a União Europeia pode dar-se ao luxo de adiar, por mais tempo, a integração da Turquia no seu seio, alicerçada na perspectiva da construção de uma entidade hegemónica, baseada na superioridade dos valores ocidentais de matriz grego-judaico-cristã, quando se regista um avanço exponencial da China e da Índia bem como de toda a Ásia, na conjuntura internacional hodierna. Será que se pode voltar ao “orgulhosamente sós”? Pelo que se conhece das políticas europeias o caminho é exactamente o inverso. Diz-se num documento da UE, relativamente à existências de 20 línguas de trabalho, cito: “As nossas histórias nacionais e os nossos patrimónios culturais podem ser diferentes, mas as nossas aspirações e esperanças para o futuro, encontram-se em perfeita sintonia”

A África situa-se bem atrás no ranking dos continentes e países do cenário internacional mas hoje, estão-se verificando avanços significativos de muitos países, como sejam a África do Sul, a Nigéria e Angola, este com um dos maiores crescimentos mundiais da actualidade, factos que podem incitar o afro-optimismo e dar estímulo ao renascimento africano. Os compromissos assumidos pela China e as expectativas de reforço de apoio da G8, são boas notícias.

Qual deverá ser o posicionamento da comunidade lusófona neste novo cenário geopolítico e geoestratégico? Será que essa análise é feita pelas nossas chancelarias ou pela entidade que nos enquadra, a CPLP, para dar linhas de orientação consentâneas com o momento que se vive?

É nossa convicção que devemos tirar partido e aprender com a experiência portuguesa, que nos parece edificante a muitos títulos. Se é facto que Portugal e a Europa em geral exigem reciprocidade hoje, exigência que no passado não existiu, quando fomos invadidos para nos “civilizarem”, (ainda hoje há defensores de tais teses), não podemos deixar de registar que, avanços significativos foram operados no enquadramento jurídico português relativa em especial aos imigrantes de novas gerações. Além de ser uma atitude louvável do ponto de vista moral, cívico e humanitário, é igualmente um posicionamento inteligente, não vá acontecer o mesmo que em França com a crise dos *banlieux*, França que continua a debater opções entre a emigração tradicional e a escolhida.

Os dramas humanos que se vêm à entrada da Europa fortaleza, são lamentáveis e permite-nos pôr em questão os ensinamentos propalados de tolerância, de fraternidade e de direitos humanos. Urge encontrar soluções dinâmicas, para conformar o discurso à prática, sob pena de incentivar tensões e confrontações, evitando o chamado choque de culturas, fomentadoras de exclusões e terrorismos.

A cultura da paz e do universal apela à consciência do III Milénio no sentido de sermos capazes de colocar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia ao serviço de todas as mulheres e homens do mundo, afim de partilhar, de conviver, de promover o desenvolvimento harmonioso, equilibrado e vantajoso, para todas as partes em presença e dos cidadãos em geral.

Em conclusão: o mundo está numa evolução acelerada, tanto do ponto de vista científico e tecnológico bem como humano e de relações inter-comunitárias. O crescimento económico supera o desenvolvimento humano e emocional, gerando desequilíbrios consideráveis a nível familiar, nacional, regional e internacional.

Os câmbios científicos, são espectaculares sem que isso corresponda aos avanços a nível espiritual nem no que se refere à construção consensual dos referenciais comungados por toda a humanidade. Como vivem as nossas comunidades esses avanços, marginalizados como estão, dos centros de decisão? Não estaremos na encruzilhada histórica para buscar respostas a estes questionamentos? Não estaremos condenados a mudar os nossos paradigmas, os nossos comportamentos, os óculos com que olhamos o outro?

Estamos em crer que essas mudanças vão acontecer, mais cedo do que imaginamos, para a melhoria do relacionamento entre os povos e igualmente, para a preservação do nosso planeta face às ameaças que pesam sobre o seu futuro, se continuarmos a pensar no meu EU e não em NÓS, unidos na diversidade.